

---

## A INDISCIPLINA ARQUITETURAL\*

### A Fronteira e os Novos Limites

*A revisão crítica que se opera no estatuto do saber contemporâneo e a consequente generalização da crise disciplinar, abrem à arquitetura a possibilidade de se instituir como protótipo de um novo saber*

Christian Girard

---

Podemos falar hoje em dia, se adotarmos um ponto de vista retrospectivo sobre o passado imediato —à escala dos anos oitenta— de uma usura importante do discurso sobre a interciência. Esta idéia, que representa o cruzamento e o intercâmbio entre diferentes ciências, foi desenvolvida no momento em que as ciências humanas começaram a perder a posição que haviam conquistado no conjunto dos saberes. As ciências não cessaram de praticar este intercâmbio, em compensação não o fizeram sob o signo de uma vontade deliberada, de uma ótica global. É notável como foram com mais freqüência as zonas de imprecisão ou os limites das ciências constituídas, assim como as linhas de frente das práticas ditas artísticas, os que mais militaram por esta temática do encontro e da partilha entre fronteiras.

A interciência e a interdisciplina (expressões empregadas indiferentemente uma em lugar da outra, o que é problemático pois significaria que uma disciplina é sempre uma ciência) são excelentes slogans para exposições, empreendimentos museográficos, onde o que interessa é apresentar as artes nas ciências e as ciências na arte.

O primeiro *Cahier* publicado pelo programa Ciência-Tecnologia-Sociedade do CNRS intitulava-se: **Indisciplinas** (CNRS, 1984). No texto "Pela Interciência" (Pour l'interscience) de D. Guillermin, extraído dele, um desvio da interciência é acusado: "Chamamos empirismo interdisciplinar a conduta que consiste em operar um corte objetivo do campo do real (o trabalho, a saúde, a "mulher"... ) e a fixar as projeções de diversas disciplinas encarregadas, cada uma delas, de aclarar uma faceta deste objeto. Este modo de usar a interdisciplinariedade, longe de ser uma crítica dos limites disciplinares, é, ao contrário, uma reativação da validade de cada uma delas, já que consolida a idéia de uma homologia funcional entre o campo do saber e parte do real."<sup>1</sup>

O argumento aqui desenvolvido é o seguinte: a construção teórica da disciplina arquitetural não é um objetivo sustentável hoje em dia. Ou, de outra forma, não podemos

tê-la por objetivo. Esta posição não procede de um ceticismo qualquer ou pessimismo epistemológico relativo a arquitetura. Ao contrário, não há nada a se lamentar quanto ao estatuto desta prática e da reflexão teórica que ela possa produzir. Nada há que possa justificar as queixas que por vezes animam seu discurso. Também não é o caso dizer-se que daqui para frente *vale tudo*, que artes e ciências se fundem e se confundem e que não mais existe Ciência digna deste nome. Não é porque a interciência transformou-se numa palavra de ordem, e que a circulação de conceitos e métodos institui-se como fato adquirido, que se atenuaria a idéia de ciência.

Entretanto, não se pode negar que tenha se tornado difícil definir a cientificidade. A epistemologia (esta parte da filosofia que se coloca a questão da cientificidade), falhou em seu projeto implícito de traçar um quadro unificado das ciências. Ela não pode estabelecer critérios do que seja científico. Mesmo aceitando, conforme Bouveresse, que os novos epistemólogos tenham podido, de tempos em tempos, se desviar em sua desmontagem da racionalidade positivista, este empreendimento deixou traços indeléveis. Não pensamos mais a ciência depois deles como a pensávamos antes.

Na linguagem corrente, as diferentes vertentes do conhecimento dividem-se em disciplinas científicas e disciplinas artísticas. A idéia de disciplina, próxima também à de domínio, corresponde à da prática, de atividade, e tem, sobretudo, a função de separação dos saberes.

Para que se perceba o quanto é delicado definir estas noções, basta recordar o apuro em se houve Foucault n'*A Arqueologia do Saber*. Passemos, uma vez mais, por suas metáforas espaciais: a disciplina ou o domínio é um "espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam".<sup>2</sup> Fala-se também de região de conhecimento e, naturalmente, de "fronteiras" disciplinares.

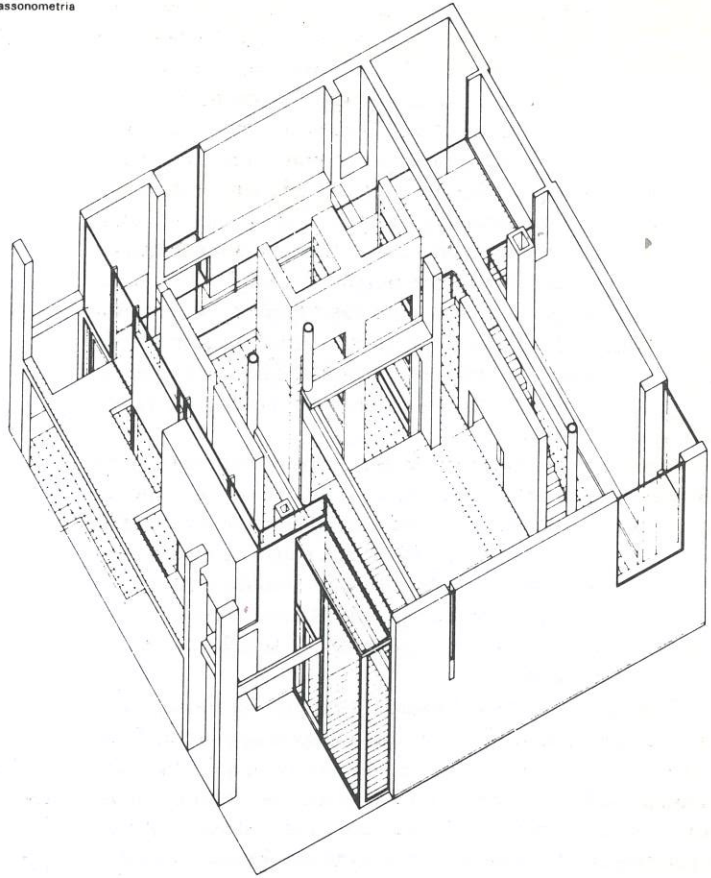
Em todo caso, a primeira característica de uma disciplina é que ela não se questiona sobre sua própria existência em

---

\* Publicado originalmente na Revista *In Extenso*, da Ecole d'Architecture Paris-Villemin, org. Daniel Guibert, n°7, 1986. Tradução de Francisco Spadoni.

House I, Princeton, New Jersey, 1967-68.  
Peter Eisenman

1: assonometria



“Peter Eisenman dizia em 1982 a Philip Johnson que ‘sem uma certa disciplina —que se chame linguagem ou regras—, não seríamos capazes de saber fazer arquitetura’. Os projetos de Eisenman são desta forma experiências de produção de regras para situar o ato de projeção dentro de um processo que tenha um rigor e uma disciplina interna. Como para Gregotti o ideal de rigor se dá ao nível do conjunto da prática arquitetural.”

“Peter Eisenman disait en 1982 à Philipp Johnson que ‘sans une certaine discipline —qu’elle s’appelle langage ou règles— on ne sera jamais capable de savoir faire de l’architecture’. Les projets d’Eisenman sont autant d’expériences de production de règles pour inscrire le travail de projection dans un processus ayant sa rigueur et sa discipline interne.”

relação às demais. Silenciosamente ela encontra seu lugar como elemento de uma classe mais abrangente do universo do conhecimento, mesmo que se conteste o campo de sua investigação. A história lhe reserva, em geral, um mínimo de assento. Enfim, qualquer que seja a intensidade da redistribuição de cartas e das profundas alterações que se operam na enciclopédia do saber, uma disciplina guarda, ao menos, a memória de seu fausto. Um fenômeno de remanescência ou de inércia, impede uma dissipação total.

Em arquitetura e, mais exatamente, em sua vertente teórica, as coisas se passam às vezes melhor ou pior, dependendo da atitude que se adota face a imprecisão disciplinar. A demanda de uma disciplina para arquitetura vai se confundir, na maior parte das vezes, com a exigência de obrigações, princípios, regras, limites, e desde que se expresse, trata-se de ir ao encontro de uma disciplina que seria mais científica que artística.

À medida que a filosofia —em seu avatar epistemológico— renunciou a dar suporte às diferentes disciplinas e a delimitar o campo coberto por cada uma delas, soaria inadequado interrogar uma prática como a arquitetura sobre suas capacidades em se constituir como disciplina e informar as outras. Esta questão, no entanto, ainda paira nos ares.

A arquitetura como disciplina tem sido nos últimos vinte anos um dos temas favoritos dos arquitetos italianos. Gregotti, em particular, não deixa jamais de lembrar da necessidade de fortalecer a identidade e a autonomia disciplinares da arquitetura. Em *O Território da Arquitetura* ele escrevia

em 1965: “defender nosso universo disciplinar feito de teoria e ofício, é defender a própria identidade da arquitetura.”<sup>3</sup>

Retrospectivamente, percebe-se que este texto sabia colocar em seus devidos lugares os diferentes domínios como a lingüística, a sociologia, ou a história, em relação à arquitetura, referindo-se a eles como materiais a serem manipulados pelo projeto. O que parece é que não se tenha dedicado suficiente atenção ao tema “materiais” por uma geração inteira de arquitetos, o que sem dúvida teria evitado algumas desilusões no contato com as ciências humanas.

Se Gregotti não se deixou levar pela idéia de uma arquitetura promovida a objeto de ciência, a objeto de um discurso com estatuto científico, seu rigor pode, em compensação, deixar marcas que ao final recuperaram esta via. Sob a bandeira disciplinar, percebe-se nele a mesma nostalgia de um campo de conhecimento que se não puder se relacionar de igual para igual com as outras disciplinas possa, ao menos, ser por elas reconhecido.

De fato, desde que se assuma a idéia de disciplina, com toda a imprecisão inerente, não se pode escapar a uma lógica da comparação, da avaliação mútua, da confrontação e do intercâmbio. Nesta mesma lógica, todo o problema viria do fato da arquitetura não ter sabido praticar este intercâmbio: nada se troca com ela.

Peter Eisenman dizia em 1982 a Philip Johnson que “sem uma certa disciplina —que se chame linguagem ou regras—, não seríamos capazes de saber fazer arquitetura”.<sup>4</sup>

Os projetos de Eisenman são desta forma experiências de produção de regras para situar o ato de projeção dentro de um processo que tenha um rigor e uma disciplina interna. Como para Gregotti o ideal de rigor se dá ao nível do conjunto da prática arquitetural. O que está em jogo é “fazer arquitetura e não construção”, para empregar palavras suas. A noção de disciplina derivaria do procedimento e do modo de ação. Para o arquiteto os princípios e regras são particulares a cada projeto, enquanto Gregotti enuncia uma ética de projeção válida para toda e qualquer situação. Eisenman refunda a disciplina a cada uma das “houses”. O projeto-texto *House X* é, afinal de contas, uma maquinaria de produzir a idéia de arquitetura. A conduta que adota apóia-se numa autonomia extrema da disciplina e aponta para o risco da esquizofrenia.

Eisenman dá o exemplo de uma resposta extrema à questão dos fundamentos disciplinares. Trabalha no limite do que se possa ainda ser comunicado, desmembrado; o efeito de esoterismo de seu discurso lança seus projetos para o modo do manifesto ou da declamação. Realiza uma imploração da arquitetura sobre si própria, mas para fazê-lo opta por tomar emprestado o que parece ser o simulacro de um pensamento dedutivo.

Para Jean Toussaint Desanti, o próprio da filosofia das ciências é menos o “balizar seus campos que inquietá-los sobre seus estatutos”.<sup>5</sup> Neste sentido, os arquitetos estão inquietos sobre o estatuto de sua prática nos últimos anos. Ao ponto desta inquietação não está longe de ocupar todo o pensamento da arquitetura. Da mesma forma, a questão das pontes a serem estabelecidas entre a arquitetura e outros territórios, tende a tornar-se uma idéia fixa que oculta outras interrogações, inclusive as que provocam a insistência desta ótica interdisciplinar. O isolamento das correntes teóricas em arquitetura não é, no entanto, maior que o do próprio fato arquitetural na cultura contemporânea, especialmente na França, onde tradicionalmente o que se destaca neste domínio nunca foi considerado digno do mesmo interesse que a coisa escrita ou pintada.

Por outro lado, a arquitetura é a única prática que se queixa de seu suposto exílio no pensamento contemporâneo. O fenômeno aparece, aqui também, circunscrito à cena local. A persistência da crise do ofício (e não apenas da profissão) seria a única causa do lamento de uma disciplina pouco reconhecida? Em uma cultura que privilegia o discurso escrito na esfera intelectual, é fácil compreender a dupla frustração dos que, entre os arquitetos, escrevem sobre arquitetura.

É necessário que simultaneamente justifiquem o objeto de seu discurso, mostrem que é digno de interesse e o promovam, fazendo-o passar pelos canais reconhecidos. Daí a necessidade de transformá-lo em uma linguagem coloquial ou ampará-lo na instituição da pesquisa científica. Aquele que escreve sobre arquitetura sem ser, antes de mais nada, historiador, sociólogo ou de algum outro domínio já identificado, sente-se quase que na obrigação de escrever um duplo texto.

A crise disciplinar, no entanto, é geral. E está nela a maior chance da arquitetura, desde há muito, de constituir-se como lugar possível de produção de saber.

Muito esquematicamente podemos distinguir quatro fases históricas da relação entre a arquitetura e outros domínios:

- Um primeiro momento, durante o Renascimento, onde o aparecimento da arquitetura como prática se dá paralelamente ao desenvolvimento das ciências e das técnicas.
- Uma fase em que a arquitetura realizou um retorno reflexivo sobre si própria, observando as ciências e as técnicas desenvolverem-se fora de seus domínios: durante a idade clássica, nos séculos XVII e XVIII
- A fase moderna, onde a arquitetura tentou, em vão, se realimentar dos métodos e resultados das ciências: tentativas bem descritas por Peter Collins em *Changing Ideals in Moderns Architecture*.
- E finalmente, nos dias de hoje, se anuncia a possibilidade de uma tênue relação entre a arquitetura e os outros domínios, e começaria uma fase onde a questão do estatuto destes domínios perdendo a acuidade, com as disciplinas tornando-se móveis, com seus contornos mutantes, a indisciplina arquitetural poderia se livrar da injunção: Qual é sua cientificidade? Qual é a coerência do seu domínio?

Esta nova abertura que se oferece a arquitetura começou a ser percebida por certos observadores, mas seus motivos de satisfação são ainda tributários de uma antiga concepção. Massimo Scolari, por exemplo, vê nesta evolução a ocasião única de se livrar finalmente da “falsa sociologia e da lingüística imprecisa que ao serem importadas pela arquitetura acabaram por expropriar desta sua própria linguagem”.<sup>6</sup>

Uma melhor compreensão do que se passou realmente em todos os campos da atividade teórica nas últimas décadas deveria impedir de julgar a maneira como os arquitetos fizeram uso das ciências humanas.

Franco Rella também assinala que a prática arquitetural não tem mais necessidade de buscar fundamentos epistemológicos nos modelos das ciências duras, mas o faz para concluir que o conceito de “collage” e “bricolage” adquiriram uma nova importância como se não tivessem sido amplamente exploradas pelo pensamento arquitetural na onda do estruturalismo dos anos sessenta.<sup>7</sup> Como se, sobretudo, fosse necessário que às incertezas da fundação disciplinar devesse corresponder um incessante desencadeamento formal. O mesmo tipo de indução foi implicitamente estabelecido por Gregotti, quando associava ao abjetivo de rigor teórico e disciplinar as escolhas formais hiper-racionalistas, marcadas pelo minimalismo.

Seria preciso, no entanto, evitar o seguinte contrasenso: dizer que a arquitetura é menos uma disciplina que uma in-disciplina devido ao estado atual de sua produção. Na verdade, o ecletismo generalizado que predomina atualmente não está em relação mecânica com a incapacidade da teoria e prática da arquitetura fundirem-se como disciplina. A indisciplina da arquitetura não é a indisciplina dos arquitetos. E nem a consequência ou causa do *tudo é permitido* dos estilos contemporâneos. Não falo de indisciplina no sentido

\*Os termos “collage” e “bricolage” foram usados em francês no original em italiano de Franco Rella. Daí nossa decisão de mantê-los nesta tradução (N.T.)

Maquete do Projeto de Conjunto Residencial em Cefalù, 1976.  
Vittorio Gregotti

“A arquitetura como disciplina tem sido nos últimos vinte anos um dos temas favoritos dos arquitetos italianos. Gregotti, em particular, não deixa jamais de lembrar a necessidade de fortalecer a identidade e a autonomia disciplinares da arquitetura. Em *O Território da Arquitetura* ele escrevia em 1965: ‘defender nosso universo disciplinar feito de teoria e ofício, é defender a própria identidade da arquitetura’.”

“L’architecture comme discipline a été depuis vingt ans l’un des thèmes favoris des architectes italiens. Gregotti, en particulier, ne manque jamais une occasion de rappeler la nécessité d’affermir l’identité et l’autonomie disciplinaires de l’architecture. Dans *Le Territoire de l’Architecture* il écrivait en 1965: ‘défendre notre univers disciplinaire fait de théorie et de métier, c’est défendre l’identité même de l’architecture’.”



de que não podemos ver edificado qualquer coisa em qualquer lugar. Ao contrário, não se exclue que seja justamente a ausência de correspondência desta natureza entre, de um lado, um fenômeno que observa a reflexão da arquitetura e de outro, os projetos desenhados e construídos dos arquitetos, que obstaculiza uma visada disciplinar. Sem ligação consistente entre o que se diz e escreve da arquitetura e o que se projeta e edifica, não se deve considerar a consolidação do que quer que seja sobre o modelo, de agora em diante colocado em questão, das disciplinas.

Pois a menor das faculdades de uma disciplina era de estabelecer um elo entre o trabalho reflexivo e a produção. Por não poder responder a esta exigência, a não ser de uma forma simulada, a arquitetura situa-se do lado de fora. Da forma em que sua prática e sua teoria são desunidas e desarticuladas, ela experimenta um tipo de conhecimento.

Mas dizer, como o faço, que a arquitetura é mais uma indisciplina que uma disciplina não é apenas uma maneira de situá-la como uma disciplina artística? Não exatamente. Falando de *indisciplina* retomamos voluntariamente um efeito de jogo de linguagem ou de palavras, quais sejam: a idéia de dissipação, de desobediência, de indocilidade ou insubmissão. Neste momento a arquitetura recusa-se não somente de se fechar no dilema *ciência/não ciência*, mas assume uma postura e se opõe. Até aqui ela se opõe sem o saber; o faz negativamente, ou antes, sobretudo pela ausência, naufragando em suas tentativas de construção teórica. Mas poderia se opor de uma forma positiva, voluntária, quem sabe um pouco nietzscheniana. Com um mínimo de cinismo, ironia ou humor.

Desta forma seria a arquitetura um protótipo dos saberes contemporâneos? Levando o paradoxo ainda mais além, poderíamos supor que ela seja uma das ciências mais contemporâneas? É necessário, naturalmente, entender aqui o

conceito de ciência dentro de sua gama de significações contraditórias, tomando-o por vezes ao pé da letra em seu sentido positivo, e por outras em sua posição relativizada pela crítica das epistemologias pós-estruturalistas.

A arquitetura como indisciplina possuiria em nossos dias os meios para estar em sintonia com o movimento geral do conhecimento.

Que os arquitetos continuem a embaralhar conceitos e metáforas desde que estejam conscientes de suas manipulações. Que, entre eles, os que trabalham a história e a teoria de sua prática continuem a acreditar que a estão solidificando como disciplina, desde que saibam que não se trata mais de um jogo.

Por que deveria a arquitetura estar absolutamente sincronizada com o pensamento contemporâneo? Por que correr, quando não se está seguro que o objetivo ainda esteja mais a frente?

#### Notas

- 1 Indisciplines. Cahier S.T.S. (Edition du CNRS) n° 1, pp 15-17, p.16.
- 2 Michel Foucault. *L’Archeologie du Savoir*, Paris, Gallimard, 1969, p.46.
- 3 V. Gregotti. *Le Territoire de l’Architecture*, Paris, L’Esquerre, 1982. Traduction de: *Il Territorio dell’Architettura*, Milan, Feltrinelli, 1966.
- 4 Peter Eisenman. “Entretien avec Philipp Johnson”, in *Skyline* (February 1982), pp 14-17, p.15. “It seems to me that without some sort of discipline — call it language or rules — but with, instead a merely capricious freedom, you may never be able to know how to make architecture, because no one will be able to speak or write, and no one will be able to understand what is written. Therefore, we may have to find some way of defining architecture other than through absolute freedom.”
- 5 CNRS, Cahier S.T.S., *op. cit.*, pp 35-47, “Entretien avec Jean-Toussaint Desanti”, p. 47.
- 6 Massimo Scolari. “What is best” in *Casabella* n°483, 1984.
- 7 Franco Rella. “The Age of the End and the Age of the Beginning” in *Casabella* n° 498/9, 1984.

## L'INDISCIPLINE ARCHITECTURALE

Christian Girard

On peut parler aujourd'hui, si l'on adopte un point de vue rétrospectif sur le passé immédiat — à l'échelle des années quatre-vingt — d'une usure importante du discours sur l'interscience. L'idée, généreuse, d'un croisement et d'un échange soutenu des différentes sciences ne résiste pas à l'observation. Le thème de l'interscience a été développé au moment où les sciences humaines commençaient à perdre la place qu'elles avaient réussi à conquérir dans l'ensemble des savoirs. Les sciences n'ont pas cessé de pratiquer l'échange, en revanche elles ne l'ont pas fait sous le signe d'une volonté délibérée, d'une visée globale. De façon remarquable, ce sont le plus souvent les franges ou limites de sciences constituées ainsi que les avant-postes de pratiques dites artistiques qui ont milité pour cette thématique de la rencontre et du partage trans-frontières.

L'interscience et l'interdiscipline (expressions indifféremment employées l'une à la place de l'autre alors que leur synonymie signifierait qu'une discipline est toujours une science, question qui fait problème) sont d'excellents slogans pour des expositions, des entreprises muséographiques où il s'agit, par exemple, de montrer l'art dans les sciences et les sciences dans l'art.

Le premier Cahier publié par le Programme Science-Technologie-Société du CNRS avait pour titre: Indisciplines (CNRS, 1984). Dans "Pour l'interscience" — texte de D. Guillermin extrait de ce Cahier — une déviation de l'interscience est dénoncée: "nous appelons empirisme interdisciplinaire la démarche qui consiste à opérer un découpage "objectif" du champ du réel (le travail, la santé, la "femme"... ) et à braquer dessus les projecteurs de diverses disciplines chargées chacune d' "éclairer" une facette de cet objet. Ce mode d'emploi de l'interdisciplinarité, loin d'être une critique des limites disciplinaires, est au contraire une réactivation de la validité de chacune puisqu'il consolide l'idée d'une homologie fonctionnelle entre champ du savoir et part du réel."<sup>1</sup>

L'argument développé ici est le suivant: le construction théorique de la *discipline* architecturale n'est pas un objectif tenable aujourd'hui. Ou n'est pas un objectif à tenir.

Cette position ne procède pas d'un quelconque scepticisme ou pessimisme épistémologique concernant l'architecture. Au contraire, il n'y a rien à déplorer ou regretter quant au statut de cette pratique et de la réflexion théorique qu'elle produit sur elle-même. Rien de grave; rien qui ne mérite d'entretenir ce chagrin que anime parfois le discours ambiant sur l'architecture. Il n'est pas non plus question de dire que tout désormais vaut tout, qu'arts et sciences se rejoignent, se confondent. Qu'il n'y a plus de Science (avec un grand S) digne de ce nom. Ce n'est pas parce que l'interscience est devenue un mot d'ordre et que la circulation des concepts et méthodes est une chose acquise, entretenue, encouragée que subitement s'estomperait l'idée de science.

Cependant, on ne peut nier qu'il soit devenu relativement difficile de définir la *scientificité*. L'épistémologie (cette partie de la philosophie que se pose la question de la scientificité) a échoué dans son projet implicite de dresser un tableau unifié des sciences. Elle ne peut donner de critères du scientifique. Même si l'on pense, avec Bouveresse, que les "nouveaux épistémologues ont pu s'égarer de temps en temps dans leur démontage de la rationalité positiviste, leur entreprise a laissé des traces indélébiles. On ne pense plus la science après eux comme on la pensait avant eux.

Pour le langage commun, les différentes branches de la connaissance se divisent en disciplines scientifiques et en disciplines artistiques. L'idée de discipline correspond à celle d'activité, de pratique. Elle a surtout une fonction de découpage des savoirs. L'idée de domaine est aussi très proche.

Pour mesurer combien ces notions sont délicates à définir, il suffit de se souvenir de l'embarras de Foucault dans *L'Archéologie du Savoir*. Il n'a d'autre solution que de passer, une fois de plus, par ses métaphores spatiales: la discipline ou le domaine est un "espace où divers objets se profilent et continuellement se transforment"<sup>2</sup>. On parle aussi de "région" de la connaissance. Et, bien entendu, de "frontières" disciplinaires.

Dans tous les cas, le premier caractère d'une discipline est qu'elle ne se pose pas la question de son existence par rapport aux autres. En toute quiétude, elle a sa place parmi les autres comme élément d'une classe plus large d'univers de connaissance, même si elle se voit contester le champ de son investigation. L'histoire lui laisse en général un minimum d'assise. Enfin, surtout, quelle que soit l'intensité de la redistribution des cartes et des bouleversements qui s'opèrent dans l'Encyclopédie des savoirs, une discipline garde au moins la mémoire de son faste. Un phénomène de rémanence ou d'inertie interdit une dissipation totale.

En architecture et, plus précisément, dans son versant théorique, les choses se passent à la fois moins bien et beaucoup mieux, selon l'attitude que l'on retient face au brouillage disciplinaire. La demande d'une *discipline* architecturale se confond la plupart du temps avec une demande de contraintes, de règles, de guides, de principes, de bornes. Parallèlement, dès que s'exprime cette demande, il s'agit d'aller vers une discipline que serait scientifique plutôt qu'artistique.

Dans la mesure où la philosophie — dans son avatar épistémologique — a renoncé à donner des fondations aux différentes disciplines et même à circonscrire le champ couvert par chacune — il serait mal venu d'interroger une pratique comme l'architecture sur ses capacités à se constituer en discipline et à informer les autres disciplines. C'est pourtant une interpellation que reste un peu dans l'air du temps aujourd'hui.

L'architecture comme discipline a été depuis vingt ans l'un des thèmes favoris des architectes italiens. Gregotti, en particulier, ne manque jamais une occasion de rappeler la nécessité d'affermir l'identité et l'autonomie disciplinaires de l'architecture. Dans *Le Territoire de l'Architecture* il écrivait en 1965: "défendre notre univers disciplinaire fait de théorie et de métier, c'est défendre l'identité même de l'architecture"<sup>3</sup>.

Rétrospectivement, on s'aperçoit que ce texte savait mettre à leur place les différents domaines comme la linguistique, la sociologie ou l'histoire par rapport à l'architecture en parlant d'eux comme des "matériaux à mettre en oeuvre dans le projet". Il semble que l'attention n'ait pas été suffisamment portée à ce terme de "matériaux" par une génération entière d'architectes alors qu'il aurait sans doute permis d'éviter quelques désillusions dans le contact avec les sciences humaines.

Si Gregotti ne s'est pas laissé entraîner sur le chemin d'une architecture à promouvoir comme objet de science, comme objet d'un discours de statut scientifique, en revanche son rigorisme a pu prendre des accents que finissent par rejoindre cette quête. Sous le programme d'une discipline architecturale se glisse, chez lui aussi, la même nostalgie d'un champ de connaissance pouvant sinon traiter d'égal à égal avec les autres, du moins être reconnu par eux.

En effet, dès lors qu'on retient l'idée de discipline, avec tout son imprécision inhérente, on n'échappe pas à une logique de la comparaison, de l'évaluation mutuelle, de la confrontation et de l'échange. Dans cette même logique tout le problème viendrait de ce que l'architecture n'a pas su pratiquer l'échange: rien ne s'échange avec elle.

Peter Eisenman disait en 1982 à Philipp Johnson que "sans une certaine discipline —qu'elle s'appelle langage ou règles— on ne sera jamais capable de savoir faire de l'architecture".<sup>4</sup> Les projets d'Eisenman sont autant d'expériences de production de règles pour inscrire le travail de projection dans un processus ayant sa rigueur et sa discipline interne. Comme pour Gregotti, l'idéal de rigueur dans le projet a une portée pour l'ensemble de la pratique architecturale. Et de discipline considérée sous l'angle d'un mode de conduite du projet on dérive vite à la notion de discipline architecturale. L'enjeu est toujours de "faire de l'architecture", selon l'expression qu'Eisenman n'hésite pas à employer, et non de la construction. Chez Eisenman les règles et principes sont particulières à chaque projet alors que Gregotti énonce une éthique de la projection valide pour toute situation. Eisenman refonde une nouvelle fois la discipline "Architecture" à chacune des "House".

Les projet-texte *House X* n'est au bout du compte qu'une machinerie à produire l'idée d'Architecture. La démarche adoptée mise sur une autonomie maximale de la discipline et prend le risque de la schizophrénie.

Eisenman donne l'exemple d'une réponse extrême à la question des fondements disciplinaires. Il travaille à la limite de ce qui peut encore être communiqué, partagé; l'effet d'ésotérisme de son discours précipite ses projets du côté du manifeste ou de la déclamation. Il réalise une implosion de l'architecture sur elle-même mais, pour ce faire, il choisit d'emprunter ce qui semble souvent être le simulacre d'une pensée déductive.

Pour Jean-Toussaint Desanti, le propre de la philosophie des sciences est moins de "baliser leurs champs que de les inquiéter sur leur statut".<sup>5</sup> En ce sens les architectes se sont inquiétés sur le statut de leur pratique ces dernières années. Au point que cette inquiétude n'est pas loin de tenir lieu de toute pensée de l'architecture. De même, la question des "ponts" à établir entre l'architecture et d'autres territoires tend à devenir une idée fixe occultant d'autres interrogations, y compris celles que soulève l'insistance de cette visée interdisciplinaire. L'isolement des menées théoriques en

architecture n'est pourtant guère plus grand que celui du fait architectural en tant que tel dans la culture contemporaine, en France notamment, où traditionnellement ce qui relève de ce domaine n'a jamais été considéré digne d'intérêt au même titre que la chose écrite ou peinte.

D'ailleurs l'architecture est la seule pratique que se plaigne de son exil supposé de la pensée contemporaine. Le phénomène paraît, là aussi, circonscrit à la scène locale. La persistance de la crise du métier (et non seulement de la profession) serait-elle la seule cause de cette plainte d'une discipline en mal de reconnaissance? Dans une culture où la primauté du discours écrit dans la sphère intellectuelle demeure une constante, il est facile de comprendre la double frustration de ceux qui, parmi les architectes, écrivent sur l'architecture.

Il leur faut simultanément justifier l'objet de leur discours, montrer que cet objet est digne d'intérêt et promouvoir ce discours en le faisant passer par les canaux reconnus. D'où la nécessité, par exemple, de colloquer ou de rejoindre l'institution de la recherche scientifique. Celui qui écrit sur l'architecture et qui n'est pas avant tout historien, sociologue, ou d'un autre lieu à l'identité encore assurée, se croit presque obligé d'écrire un double texte.

Pourtant la crise disciplinaire est générale. Elle constitue la plus grande chance de l'architecture depuis longtemps en tant que lieu de production possible d'un savoir.

Très schématiquement, on peut distinguer quatre phases historiques du rapport de l'architecture aux autres domaines:

- un premier temps où la montée de l'architecture comme pratique s'est faite parallèlement au développement des sciences et des techniques: période de la Renaissance;
- une phase pendant laquelle l'architecture a réalisé son retour réflexif sur elle-même, tout en observant les sciences et les techniques se propulser hors de sa portée: l'Age Classique, 17ème-18ème siècle;
- la phase moderne où l'architecture a vainement essayé de se réalimenter aux méthodes et résultats des sciences; tentative bien décrite par Peter Collins dans *Changing Ideals in Moderns Architecture*;
- enfin, aujourd'hui, s'annonce la possibilité d'un rapport "svelte" de l'architecture aux autres domaines de savoir et commencerait une phase où la question du statut de ces domaines perdant de son acuité, où les disciplines devenant mouvantes, aux contours changeants, l'*indiscipline* "architecture" pourrait échapper à l'injonction: "quelle est ta scientificité? quelle est la cohérence de ton domaine?"

Cette nouvelle ouverture qui s'offre à l'architecture a commencé à être perçue par certains observateurs. Mais leurs motifs de satisfaction sont tributaires d'une conception de l'avant-veille. Par exemple, Massimo Scolari voit dans cette évolution l'occasion unique de se débarrasser enfin de la "fausse sociologie et de la linguistique imprécise qui par leur importation en architecture ont exproprié de celle-ci son propre langage".<sup>6</sup>

Une compréhension plus adéquate de ce qui s'est vraiment passé dans tous les champs d'activité théorique depuis de décennies devrait interdire de juger la manière dont les architectes ont fait usages des sciences humaines.

Franco Rella remarque lui aussi que la pratique architecturale n'a plus besoin de chercher ses fondements épistémologiques dans le modèle des sciences dures, mais c'est pour conclure aussitôt que désormais les notions de "bricolage" et de "collage" acquièrent une nouvelle importance comme si elles n'avaient pas été amplement exploitées par la pensée architecturale dans la foulée du structuralisme des années soixante.<sup>7</sup> Comme si, surtout, il fallait qu'aux incertitudes de fondation disciplinaire devait correspondre un débridement formel. Le même type d'induction était implicitement établie par Gregotti lorsqu'il associait à l'objectif de rigueur théorique et disciplinaire des choix formels hyper-rationalistes, marqués par leur minimalisme.

Il faudrait donc éviter le contre-sens suivant: dire que l'architecture est moins une discipline qu'une *in-discipline* en raison de l'état présent de la production d'architecture. En fait, l'éclectisme généralisé que prévaut n'est pas en rapport mécanique avec l'incapacité de la pratique et de la théorie architecturales à se fonder comme discipline.

L'indiscipline de l'architecture n'est pas l'indiscipline des architectes. Elle n'est pas non plus la conséquence ou la cause du "tout est permis" des styles contemporains. Je ne parle pas d'indiscipline pour marquer qu'on peut voir édifié n'importe quoi n'importe où.

Tout au contraire, il n'est pas exclu que ce soit justement l'absence même de correspondance de cette nature entre, d'une part, un phénomène que regarde la pensée de l'architecture et, d'autre part, les projets dessinés et construits des architectes, qui contrecarre une prise disciplinaire. Sans lien consistant entre ce qu'on dit et écrit de l'architecture et ce qu'on projette et édifie, il n'est pas envisageable de consolider quoi que ce soit sur le modèle, désormais remis en question, des disciplines.

Car la moindre des facultés d'une discipline était bien d'entretenir ce lien entre le travail réflexif et la production. Faute de pouvoir répondre à cette exigence, ne serait-ce que de façon simulée, l'architecture se situe ailleurs. Dans la façon dont sa pratique et sa théorie sont disjointes ou désarticulées, elle expérimente un type de connaissance.

Mais dire, comme je le fais, que l'architecture est plus une indiscipline qu'une discipline, n'est-ce pas qu'une autre manière de signifier que l'architecture est une *discipline artistique*? Pas vraiment. En parlant d'"indiscipline" on retient volontairement un effet de jeu de langage ou de jeu de mots, à savoir: l'idée de dissipation, de désobéissance, d'indolence ou d'insoumission. Dans ce mouvement, l'architecture refuse non seulement de s'enfermer elle-même dans le dilemme "science/non science", mais prend posture et s'oppose. Jusqu'ici, elle s'oppose sans le savoir, sans y penser; elle le fait négativement, plutôt sur le mode de la faute, en échouant dans ses tentatives de consolidation théorique. Elle pourrait s'opposer de façon positive, volontaire, un peu nietzschéenne si l'on veut. Avec un minimum d'ironie, de cynisme, voire d'humour.

Ainsi, l'architecture serait-elle un prototype des savoirs contemporains? En poussant le paradoxe plus loin, peut-on supposer qu'elle soit une des *sciences* les plus contemporaines? Il faut, cela va de soi, entendre ici le concept de "science" avec l'épaisseur de ses significations contradictoires. En le prenant à la fois à la lettre dans son sens positif et dans son acception relativisée par la critique des épistémologies post-structuralistes.

L'architecture comme indiscipline aurait alors aujourd'hui les moyens d'être en phase avec le mouvement général de la connaissance.

Que les architectes continuent à embrouiller concepts et métaphores pourvu qu'ils soient conscients de leurs manipulations. Que, parmi eux, ceux qui travaillent l'histoire et la théorie de leur pratique continuent de croire qu'ils l'affermissent comme discipline, pourvu qu'ils sachent que ce n'est plus un enjeu.

Pourquoi l'architecture devrait-elle absolument être *synchrone* avec la pensée contemporaine? Pourquoi courir lorsqu'on n'est pas certain que l'objectif soit encore devant?

- 1 Indisciplines. Cahier S.T.S. (Edition du CNRS) n° 1, pp 15-17, p.16.
- 2 Michel Foucault. *L'Archeologie du Savoir*, Paris, Gallimard, 1969, p.46.
- 3 V. Gregotti. *Le Territoire de l'Architecture*, Paris, L'Esquerre, 1982. Traduction de: *Il Territorio dell'Architettura*, Milan, Feltrinelli, 1966.
- 4 Peter Eisenman. "Entretien avec Philipp Johnson", in *Skyline* (February 1982), pp 14-17, p.15. "It seems to me that without some sort of discipline —call it language or rules—but with, instead a merely capricious freedom, you may never be able to know how to make architecture, because no one will be able to speak or write, and no one will be able to understand what is written. Therefore, we may have to find some way of defining architecture other than through absolute freedom."
- 5 CNRS, Cahier S.T.S., *op. cit.*, pp 35-47, "Entretien avec Jean-Toussaint Desanti", p. 47.
- 6 Massimo Scolari. "What is best" in *Casabella* n°483, 1984.
- 7 Franco Rella. "The Age of the End and the Age of the Beginning" in *Casabella* n° 498/9, 1984.

---

CHRISTIAN GIRARD, arquiteto e doutor em Filosofia, é professor do curso de Pós-Graduação em Teorias da Arquitetura da École d'Architecture Paris-Villemin. É autor de *Architecture et les Concepts Nomades: Traité d'Indiscipline* editado por Pierre Mardaga Editores, Bruxelas.